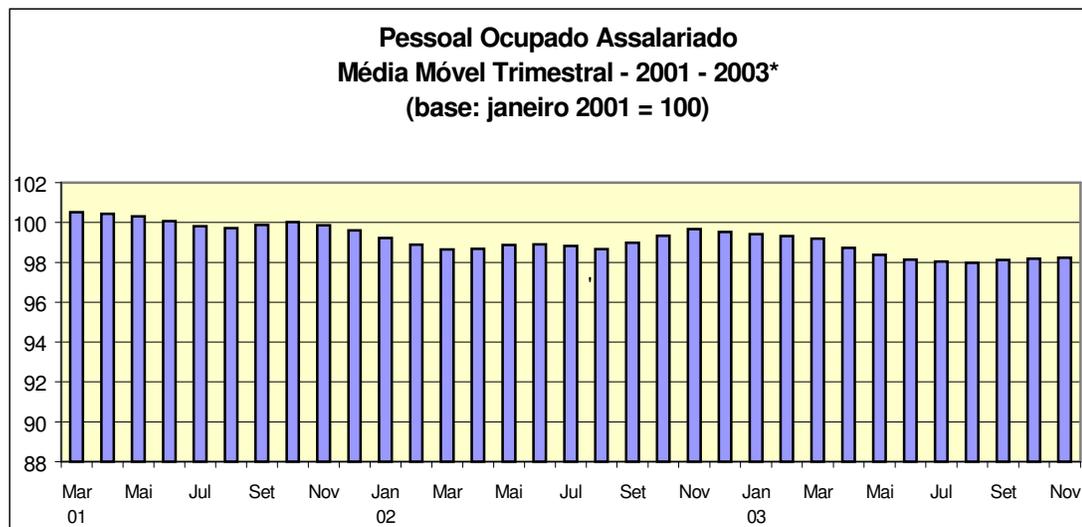


PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Na comparação mês/mês anterior, o número de contratações no setor industrial volta a superar o de demissões na série livre de influências sazonais. Na passagem de outubro para novembro o emprego mostra um ligeiro crescimento (0,1%) nos postos de trabalho, após queda de 0,6% entre setembro e outubro. Já no confronto com novembro de 2002, o índice ainda permanece negativo (-1,4%). No acumulado no ano a perda foi de 0,6%. O acumulado nos últimos doze meses aponta um trajetória de suave aceleração no ritmo de queda no emprego, que passa de -0,3% em setembro para -0,6% em novembro.

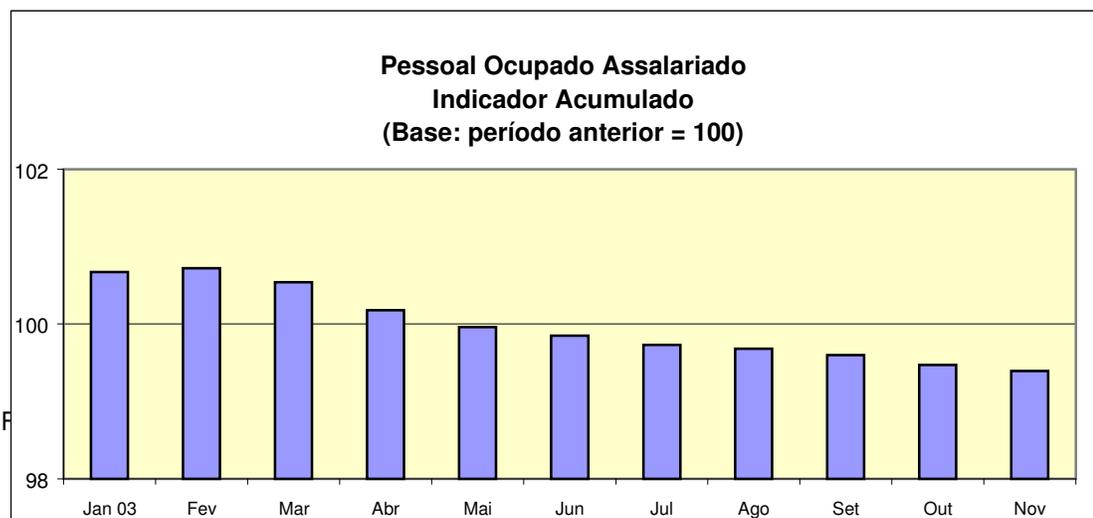
O índice de média móvel trimestral que vinha apontando discreta recuperação no ritmo de queda do emprego, fica estável em novembro, praticamente repetindo o nível de outubro.



(-11,5%) e vestuário (-21,8%), enquanto no caso da indústria fluminense, o setor de vestuário (-18,5%) figura como a principal pressão negativa, seguido por produtos de metal (-21,2%) e produtos químicos (-11,5%), entre os doze setores em queda. Ainda na comparação com novembro de 2002, houve aumento do contingente de trabalhadores apenas na região Norte e Centro-Oeste (0,8%) e no Paraná (0,7%).

Em nível nacional, os ramos que participaram com os maiores impactos negativos no movimento global do emprego foram vestuário (-11,9%) e minerais não metálicos (-9,7%). Em contraposição, destacaram-se as influências positivas das contratações efetuadas nos ramos de alimentos e bebidas (1,9%) e de metalúrgica básica (9,4%).

O indicador acumulado no ano (-0,6%), que é negativo desde junho último, mostra uma ligeira aceleração no ritmo de queda frente aos meses anteriores. São Paulo (-1,0%) permanece como destaque, dividindo com a região Nordeste (-2,3%) e Rio de Janeiro (-3,9%), os principais impactos negativos na queda do emprego. O destaque positivo permanece sendo a região Norte e Centro-Oeste com aumento de 4,0% no índice de emprego, influenciado, sobretudo, pelas admissões no setor de alimentos e bebidas (8,5%).



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

No recorte setorial, ainda no indicador acumulado para janeiro-novembro, as demissões superam as contratações em dez ramos, com destaque para a influência negativa vinda de fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-7,4%), minerais não metálicos (-6,3%) e vestuário (-4,4%). Respondendo pelas pressões positivas mais significativas,

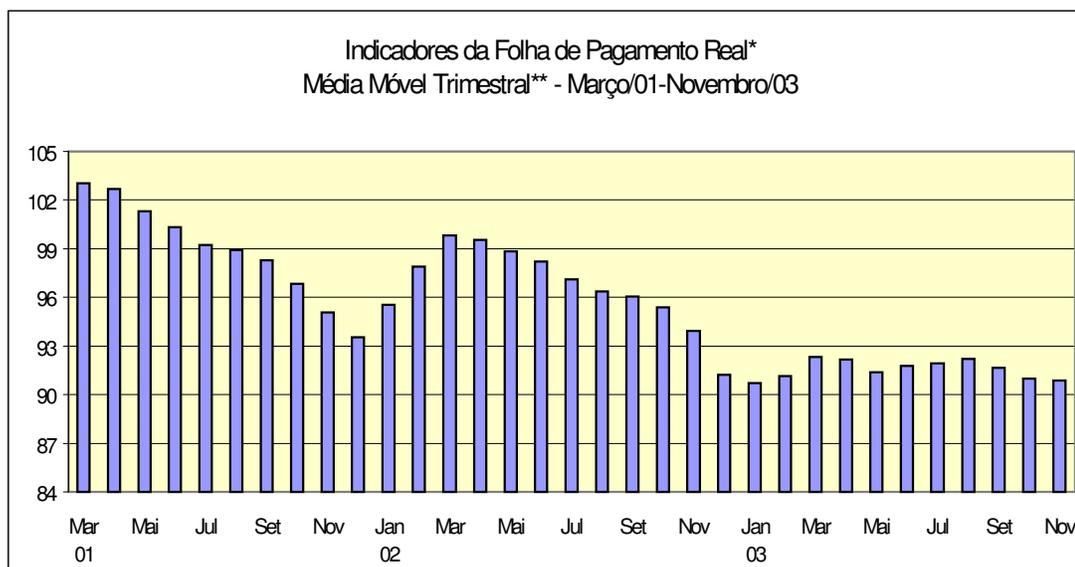
destacam-se as indústrias de alimentos e bebidas (2,3%) e de máquinas e equipamentos (6,2%).

Assim, o emprego mostra um quadro de estabilidade nos últimos meses, expresso na trajetória do índice de média móvel trimestral. No entanto, nas comparações com 2002, as taxas continuam negativas, uma vez que ao final de 2002 a tendência do emprego era ascendente.

Tanto no corte setorial quanto no regional, é possível observar que nas áreas e nos setores diretamente mais relacionados à produção agrícola e às exportações, é onde se verificam os poucos resultados positivos no índice de emprego. São, por exemplo, os casos dos setores de alimentos e bebidas e máquinas equipamentos (investimento agrícola), e das indústrias da região Norte e Centro-Oeste e do Paraná. Por outro lado, setores diretamente atrelados ao mercado interno e mais dependentes do comportamento da massa salarial, são os mais atingidos por taxas negativas, como vestuário e minerais não metálicos.

FOLHA DE PAGAMENTO

O valor da folha de pagamento do setor industrial, em termos reais, mostra uma ligeira ampliação na passagem de outubro para novembro (0,1%), já descontadas as influências sazonais, sendo este o primeiro resultado positivo desde julho de 2003. No entanto, este resultado, não reverte a trajetória de declínio no índice de média móvel trimestral. Segundo este indicador, há uma perda de 0,2% entre os trimestres encerrados em novembro e outubro.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação da Indústria

* Deflacionado pelo IPCA-IBGE

** Série ajustada sazonalmente

Nos demais confrontos, a folha de pagamento da indústria brasileira permanece mostrando perda real que, no entanto, é bem menor na margem da série, com o indicador mensal (novembro03/ novembro 02) apresentando queda de 0,8%, que na média do ano: acumulado janeiro-novembro tem taxa de -5,3% e o dos últimos doze meses recua 5,4%. No que tange à folha média de pagamento, verifica-se acréscimo na comparação com novembro 03/novembro 02 (0,6%), primeiro resultado positivo no ano, e redução nos demais confrontos, acumulado no ano (-4,8%) e nos últimos doze meses (-4,9%).

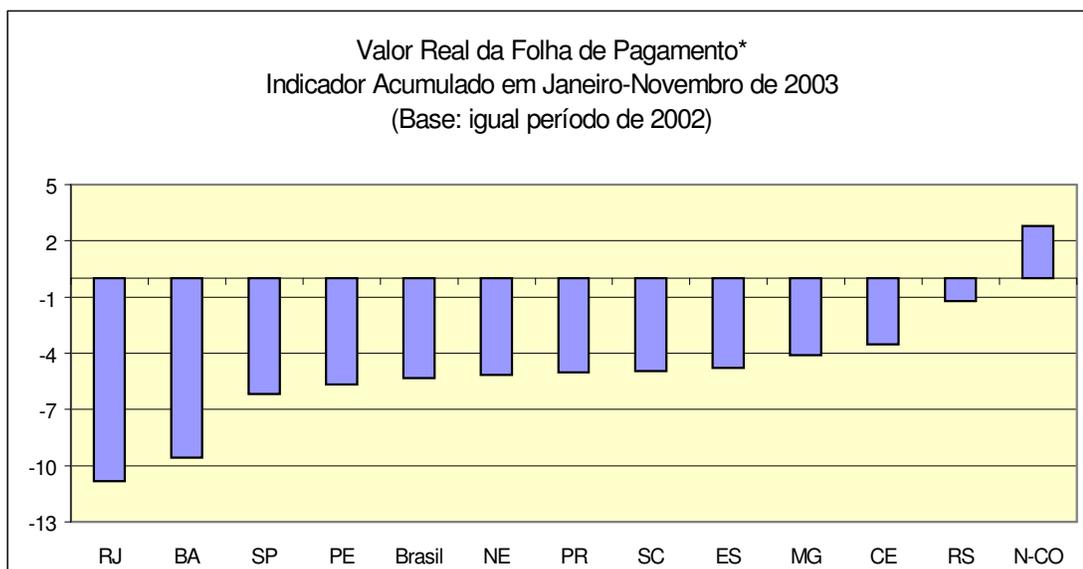
No confronto novembro 03/ novembro 02, a maior parte (doze) dos quatorze locais pesquisados reduz, em termos reais, a folha de pagamento de seus empregados. As indústrias de São Paulo (-1,4%) respondem, mais uma vez, pelas contribuições de maior impacto na formação da taxa global de -0,8%, influenciadas sobretudo pelos decréscimos nos setores minerais não-metálicos (-26,7%) e papel e gráfica (-11,9%). Por outro lado, entre os locais que ampliam a folha de pagamento real, destacam-se Rio Grande do Sul (3,9%) e Minas Gerais (3,3%), impulsionados pelos incrementos salariais nos setores de fabricação de meios de transporte (19,0%) e metalurgia básica (23,7%), respectivamente.

Ainda na comparação com novembro de 2002, em nível setorial são observados, no total do país, decréscimos em sete dos dezoito setores pesquisados, ficando as principais pressões negativas no cômputo geral com

minerais não metálicos (-21,1%), vindo a seguir papel e gráfica (-9,3%). Em contraposição, entre os onze setores que apresentam ganhos reais na folha de pagamento sobressaem os incrementos em metalurgia básica (16,6%) e máquinas e equipamentos - exclusive eletro-eletrônicos (9,6%).

No indicador acumulado no ano, apenas as indústrias da região Norte e Centro-Oeste (2,8 %) elevam o total da folha de pagamento de seus empregados. As maiores perdas reais continuam a ser observadas no Rio de Janeiro (-10,8%) e na Bahia (-9,6%), ficando as principais contribuições negativas na formação da taxa global, também neste comparativo, com as indústrias de São Paulo (-6,2%), influenciadas sobretudo pelas perdas assinaladas nos setores de papel e gráfica (-17,2%) e de máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-15,7%). Em nível setorial, ainda neste indicador, há redução na folha de pagamento real dos trabalhadores na maior parte (dezessete) dos dezoito setores analisados. Na formação da taxa global de -5,3%, os maiores impactos negativos vieram de papel e gráfica (-13,9%), minerais não metálicos (-17,1%) e máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-11,8%).

Ainda no indicador acumulado no ano, no que tange à folha média real de pagamento da indústria, para o índice global de -4,8% contribuíram os resultados negativos em doze dos quatorze locais e em dezessete dos dezoito setores observados. Regionalmente, os decréscimos mais significativos vieram de Paraná (-7,3%), Rio de Janeiro (-7,2%) e Bahia (-7,0%). Em termos setoriais, apenas o setor de borracha e plástico (0,2%) apresenta crescimento, cabendo à extrativa mineral (-12,6%), minerais não metálicos (-11,6%) e papel e gráfica (-11,4%) as quedas mais intensas no total do país.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação da Indústria

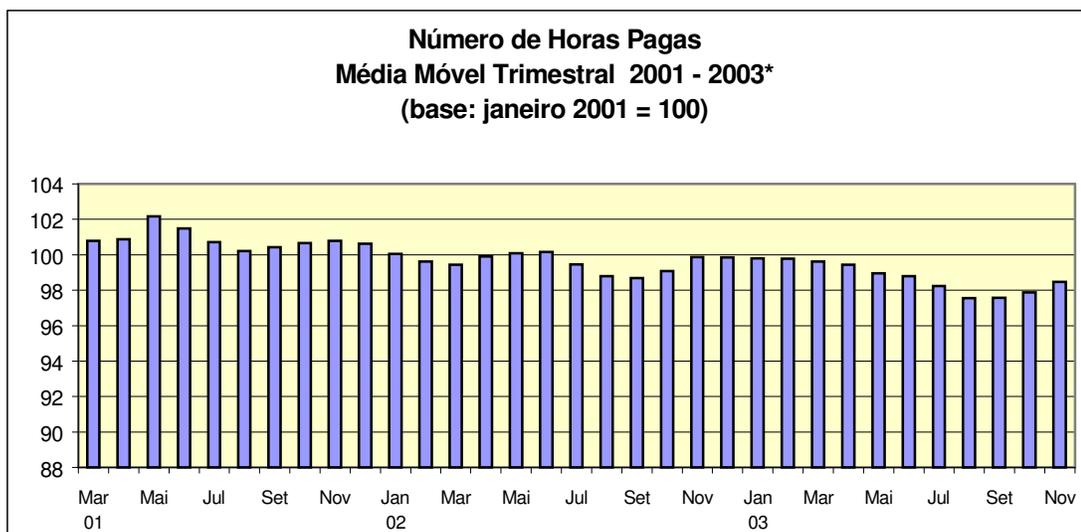
* Deflacionado pelo IPCA-IBGE

Por fim, no indicador acumulado nos últimos doze meses mostra, na passagem de outubro para novembro, uma ligeira desaceleração no ritmo de queda tanto do total da folha de pagamento, que passa de -5,5% para -5,4%, como na folha média (de -5,1% para -4,9%).

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em novembro, o total do número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, cresceu 0,2% em relação ao mês de outubro, descontados os efeitos sazonais. Entretanto, na comparação com igual mês do ano anterior assinala queda (-1,7%). Para períodos mais longos, tanto o índice acumulado no ano quanto a dos últimos doze meses apontam a mesma queda (-0,9%). A jornada média de trabalho mostra no mês de novembro, queda de 0,3% para os três tipos de comparações (mensal, acumulada no ano e últimos doze meses).

Segundo o indicador de média móvel trimestral, entre novembro e outubro há um crescimento de 0,6% na jornada de trabalho, o que confirma o traçado ascendente observado a partir de outubro.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

*série com ajuste sazonal

Na comparação novembro 03/ novembro 02, o indicador do número de horas pagas do setor industrial recuou 1,7%, refletindo o comportamento negativo de onze locais, dentre quatorze pesquisados. Setorialmente, dez segmentos, em um total de dezoito, registraram redução no número de horas pagas, valendo destacar vestuário (-12,4%), têxtil (-6,9%) e minerais não metálicos (-7,7%). No corte regional, os locais que mais influenciaram no resultado nacional negativo foram: São Paulo (-1,4%), Rio de Janeiro (-5,6%) e, em menor medida, Rio Grande do Sul (-2,3%) e Ceará (-6,8%). Na indústria paulista, os segmentos de vestuário (-20,3%), papel e gráfica (-6,8%) e minerais não metálicos (-11,5%), foram os mais relevantes na determinação da taxa negativa do estado. Na indústria fluminense, o vestuário (-18,4%) também aparece em primeiro lugar, seguido por alimentos e bebidas (-9,5%). Nos dois outros locais citados, calçados de couros (-5,9%) foi o principal ramo a puxar a queda no número de horas pagas no Rio Grande do Sul e, no Ceará, alimentos e bebidas (-28,6%).

No acumulado janeiro-novembro, o número de horas pagas sofreu redução de 0,9%, frente a igual período do ano anterior, mantendo-se deste modo inalterado frente ao acumulado até outubro. No cômputo geral, nove locais e nove setores industriais foram os responsáveis pela taxa negativa, em termos globais. Em âmbito geográfico, São Paulo (-1,4%), é o local, com o maior impacto negativo, seguido do Rio de Janeiro (-4,1%) e Rio Grande do Sul (-1,8%). Em sentido contrário, vale mencionar Paraná, que aumentou em

3,4% o quantitativo de horas pagas, destacando-se como o maior impacto positivo.

Setorialmente, fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-8,8%), vestuário (-5,0%), têxtil (-5,4%) e minerais não metálicos (-5,7%), contribuíram com as maiores pressões negativas sobre o resultado global. Em contrapartida, os aumentos mais significativos foram observados em alimentos e bebidas (3,0%) e máquinas e equipamentos (5,4%).

O número total de horas pagas pela indústria nacional, segundo o índice acumulado nos últimos doze meses, também registra recuo (-0,9%) em novembro, com queda ligeiramente superior à de outubro (-0,7%). Setorialmente é importante ressaltar, em termos de composição da taxa, fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-8,8%) e vestuário (-4,9%) como os maiores impactos negativos. No corte por locais, São Paulo (-1,4%) e Rio de Janeiro (-4,0%) lideram as maiores influências negativas.